

**SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO****A METAMORFOSE DO PENSAMENTO E DAS PALAVRAS EM  
A LEITURA DE “A PORTA”***Flávia Brocchetto Ramos<sup>1</sup>**Vania Marta Espeiorin<sup>2</sup>***RESUMO**

Como ímãs, as palavras estão conectadas a significados e a pensamentos. Elas traduzem e vivenciam momentos, estilos, sensações e atitudes. São as palavras, escritas, lidas ou pronunciadas, que geram conhecimento e tornam viva uma identidade. Pelo nome, homens, animais, objetos e fenômenos são conhecidos. Pelo nome, as pessoas são reconhecidas no pensamento, na fala ou no ato de ler. Neste artigo, intitulado *A metamorfose do pensamento e das palavras em a leitura de “A porta”*, a palavra, ligada ao pensamento e à linguagem será analisada em “A porta”, poema de Vinicius de Moraes, publicado em *A arca de Noé* (1991, p. 26). As observações em torno desse texto serão fundamentadas em análise bibliográfica, visando à elaboração de uma proposta de leitura que leva poesia à sala de aula e entende esse gênero como instrumento de auxílio na formação da criança. Este estudo está relacionado à dissertação *Educação pelo poético: a poesia na formação da criança, ainda em andamento*. Entre os autores que embasam este trabalho, estão: Vygotsky (1993), Bakhtin (2000), Larrosa (1995 e 2002), Paviani (1996), Freire (1996), Zilberman (1989) e Cosson (2006). Esses estudiosos realçam o entendimento da intensidade da palavra no processo de leitura, especialmente em referência à linguagem poética que anima os sentidos. As observações teóricas ajudam a perceber que o poema “A porta” terá força formativa se for significado e se mover professor e educando nos aspectos subjetivos e de fruição. Do contrário, será apenas mais uma leitura, mais um poema infantil, mais algumas palavras.

**Palavras-chave:** Palavra. Pensamento. Leitura. Poesia. Formação. Criança.

## INTRODUÇÃO

Como ímãs, as palavras estão conectadas a significados e a pensamentos. Elas refletem, traduzem e vivenciam momentos, estilos, sensações, modos de vida e comportamentos. São as palavras, escritas, lidas ou pronunciadas oralmente, que ofertam e geram conhecimentos, e tornam viva uma identidade. Homens, mulheres, animais e objetos são conhecidos pelo nome que são a eles atribuídos desde o nascimento ou sua concepção. Pelo nome, as pessoas são reconhecidas seja na esfera do pensamento, da fala ou do ato de ler.

Neste artigo, a palavra, ligada ao pensamento e à linguagem, será analisada em “A porta”, poema de Vinicius de Moraes, publicado em *A arca de Noé* (1991, p. 26). As observações em torno desse poema serão detalhadas, tendo em vista a elaboração de uma proposta de leitura e análise que leva a poesia à sala de aula e entende esse gênero como um instrumento de auxílio na formação da criança. Este estudo está relacionado à dissertação *Educação pelo poético: a poesia na formação da criança*, que está sendo elaborada no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Entre os principais autores usados para fundamentar as análises e os apontamentos deste trabalho, estão: Vygotsky (1993), Bakhtin (2000) e Larrosa (1995 e 2002). Paviani (1996), Freire (1996), Zilberman (1989) e Cosson (2006) também colaboram com seus estudos e reflexões.

## DESENVOLVIMENTO

São elas, as palavras, que despertam as pessoas a buscarem e a darem significados para as coisas. Esteja o objeto à mostra ou não, visível ou não, sua existência pode ganhar concretude na imaginação ou na manifestação social pelo

simples ato de alguém lembrá-lo ou mencioná-lo por meio das palavras. Segundo Vygotsky (1993), é pela palavra que as pessoas organizam seu pensamento. O autor observa o pensamento e a palavra de forma independente. No entanto, destaca seu entrelaçamento no instante da verbalização (oral ou escrita). Em relação ao significado, Vygotsky (1993, p. 104) destaca-o, entre outros conceitos, como critério e componente indispensável da palavra ou ainda como “um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento”. Para o psicólogo russo (1993), os significados evoluem e as palavras sem significados são consideradas sons vazios.

Bakhtin (2000, p. 291) mostra que a significação está relacionada com o enunciado, o qual, por sua vez, é um “elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”. Para o autor, o histórico de enunciados anteriores e o contexto, incluindo língua, gênero, estilo e demais elementos influenciam no processo de enunciação e comunicação entre emissor e ouvinte, entre escritor e leitor. “O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica”, esclarece Bakhtin (2000, p. 320).

Larrosa (2002) entende as palavras como elementos que constituem o homem e que só têm sentido se dão sentido à existência humana. Conforme ele, as pessoas pensam com as palavras e, portanto, são elas (as palavras) que determinam o pensamento. “Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco” (2002, p. 21), enfatiza o autor.

Tamanha é a força das palavras que elas podem planejar o cotidiano das populações ou ainda fazer com que uma pessoa tenha a chance de se reconhecer ou ser o outro por meio da ficção, do teatro, da poesia... Pode ainda personificar objetos e modificar seus sentidos e destinos por meio da imaginação. No caso da poesia, Paviani (1996, p. 89) sugere que esse gênero habita na palavra, por isso o poema precisa ser não apenas comunicativo, mas também criativo. Por sua originalidade, o texto poético se coloca diferente tanto da linguagem coloquial como da linguagem veiculada pela ciência.

Independentemente do tipo de texto, sua realização só ocorre a partir do ato de ler. E o processo de leitura de uma poesia, por exemplo, não é algo passivo ou mera formalidade. Ele ocorre levando em conta a historicidade do leitor e seu olhar crítico sobre o conteúdo que percorre. Freire (1996, p. 11), ao enfatizar esse percurso, sustenta que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”, detalha o autor. Por isso, ao lado da palavra, caminha o sentido da leitura tanto na formação como no diálogo entre quem produz e quem é destinatário do texto.

Louise Rosenblatt e Regina Zilberman (1989) traçam algumas observações sobre a ótica do receptor. Rosenblatt, citada por Zilberman, compreende a leitura como transação entre o texto e quem o estiver lendo. É um processo de mão dupla que exige a colaboração de quem lê (ROSENBLATT apud ZILBERMAN, 1989, p. 27). Esse entendimento apresenta a ideia de que o sentido está naquilo que o receptor elabora enquanto lê e não no resultado de uma obra. Zilberman (1989, p. 26-27), percorrendo o campo da produção para crianças, evoca a necessidade de um sentimento de amizade entre leitor e texto. “É imprescindível que se dissolva por inteiro a tensão entre o texto e o leitor, porque se trata de seduzir um destinatário, o que ocorre quando a narrativa engloba o ponto de vista infantil, solidarizando-se a ele”, defende a autora.

No caso de “A porta”, Vinicius de Moraes (1991, p. 26) conduz o leitor mirim à reflexão sobre um objeto inanimado e existente em praticamente todas as residências, prédios, estabelecimentos e espaços construídos do planeta; um objeto que faz parte do dia a dia de qualquer criança que, inquieta, entra e sai do quarto, entra e sai de casa para brincar, estudar, conhecer universos imaginários, se libertar. Na íntegra, o poeta manifesta e apresenta seu texto na seguinte forma:

### **A porta**

Eu sou feita de madeira  
 Madeira, matéria morta  
 Mas não há coisa no mundo  
 Mais viva do que uma porta.

Eu abro devagarinho  
 Pra passar o menininho  
 Eu abro bem com cuidado  
 Pra passar o namorado  
 Eu abro bem prazenteira  
 Pra passar a cozinheira  
 Eu abro de supetão  
 Pra passar o capitão.

Só não abro pra essa gente  
 Que diz (a mim bem me importa...)  
 Que se uma pessoa é burra  
 É burra como uma porta.

Eu sou muito inteligente!

Eu fecho a frente de casa  
 Fecho a frente do quartel  
 Fecho tudo nesse mundo.  
 Só vivo aberta no céu! (MORAES, 1991, p. 26)

A palavra “porta” emite dois estados distintos na primeira estrofe. O autor concede a ela a chance de ser compreendida como algo morto e vivo ao mesmo tempo. O real significado dependerá do ponto de vista do leitor ou receptor. Vygotsky (1993) ensina que os significados não são formações estáticas, mas dinâmicas, que mudam, por exemplo, enquanto as crianças crescem e conforme funciona seu respectivo pensamento.

Quem olha para a porta e a vê imóvel, feita tradicionalmente de madeira e aparentemente sem muita utilidade, a julgará sempre como matéria morta. No entanto, quem observa a porta por sua função e significado, por seu movimento e dinamismo (abre e fecha) e pela importância de sua presença enquanto proteção, atribuirá a ela um sentido mais humanizador. Mas nem sempre os olhos das crianças se encontram abertos para perceberem os dois lados. Aí surge a

necessidade da presença da escola e, conseqüentemente, do professor como mediadores desse processo.

Mesmo que haja quem diga que os livros falam por si mesmos ou que o ato de ler seja algo solitário, Cosson (2006, p. 27) considera fundamental a presença da escola no letramento literário, ou seja, no estímulo à compreensão da literatura muito além da simples e mecânica leitura de um texto. Tanto os livros como os fatos não falam por conta própria, sustenta o autor. Para Cosson, o que fazem os livros e os fatos se manifestarem são os mecanismos de interpretação usados por quem os lê ou observa e que, em sua maioria, são aprendidos no colégio. Na avaliação do estudioso:

[...] a leitura literária que a escola objetiva processar visa mais que simplesmente ao entretenimento que a leitura de fruição proporciona. No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada. A escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração. (COSSON, 2006, 26-27)

Mas, para isso, todos os principais personagens da vida escolar, ou seja, alunos, professores e pais deveriam se colocar receptivos para as palavras do universo social e dos livros. Conforme Cosson (2006, p. 27), para que a ação da leitura seja significativa enquanto algo constituinte do sujeito, é necessário que haja abertura à “multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo”. Ao trazer o valor do contexto no processo de leitura, Freire (1996) também realça a relevância de o leitor se colocar numa posição propositiva em relação ao novo conteúdo que lhe é apresentado e em relação à aplicação e socialização do texto no universo em que se encontra. Essa postura propositiva não é sinônimo de passividade, mas sim uma disposição em receber e avaliar o texto com um olhar crítico. Significa perceber, por exemplo, que a porta do poema de Vinicius vai muito além de um termo que serve para denominar um objeto.

Ao mesmo tempo em que a leitura, no processo de ensino-aprendizagem e de formação do educando, pressupõe uma porta aberta para o mundo, também indica outra porta, só que agora aberta para o interior humano. De acordo com Larrosa (1995, p.133), refletir a leitura como formação está relacionado com o

lado subjetivo do leitor, isto é, não apenas com aquilo que ele já tem de conhecimento, mas com o que ele é. “Trata-se de pensar leitura como algo que nos forma, como algo que nos constitui ou nos põe em questão daquilo que somos”, esclarece o pedagogo espanhol.

Nesse aspecto, Larrosa traz à tona a maneira como as pessoas normalmente consomem a produção artística e propõe um novo jeito de sentir e fruir a arte. Esse novo jeito pode muito bem ser aplicado na leitura de “A porta”. Segundo ele, geralmente a pessoa observa a arte, a qual pode aparecer em forma de palavra, pintura, escultura, música, entre tantas outras modalidades, como expectadora e não como alguém que a vive em termos de experiência. Na opinião do autor:

[...] a arte que consumimos nos atravessa sem deixar nenhuma marca em nós. Estamos informados, mas nada nos co-move no íntimo. Pensar a leitura como formação supõe cancelar essa fronteira entre o que sabemos e o que somos, entre o que *passa* (e que podemos conhecer) e o que *nos passa* (como algo a que devemos atribuir um sentido em relação a nós mesmos). (LARROSA, 1995, p. 136)

Um professor que esteja aberto ao novo e intervém com conhecimento e autonomia na seleção das obras poéticas e na comunhão delas com seus alunos, por exemplo, terá melhores condições de mediar a aproximação dos estudantes com a palavra e com os pensamentos que o gênero literário transporta. Esse professor estará melhor estruturado para sugerir a quebra de divisas entre o conhecimento e a experiência de que fala Larrosa. Uma mediação inadequada, feita por professores sem bagagem e gosto literário ou sob uma linguagem imprópria, pode projetar uma ação contrária, afastando o aluno da fruição artística.

A mediação que o educador pode fornecer em sala de aula, na biblioteca ou em outros ambientes da escola ou mesmo fora dela é uma ferramenta imprescindível também como auxílio para a criança na hora de organizar o pensamento e de entender os significados das palavras escritas ou pronunciadas e das composições textuais como um todo. A fala e a escrita tentam organizar o

pensamento, esse ‘ser’ que vive num eixo de intenso movimento. A partir daí, o público infantil começa a ter condições de enxergar e vivenciar o processo de aprendizagem. Segundo detalha Vygotsky,

Um pensamento pode ser comparado a uma nuvem descarregando uma chuva de palavras. Exatamente porque o pensamento não tem um equivalente imediato em palavras, a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado [...]. O pensamento tem de passar primeiro pelos significados e depois pelas palavras. (VYGOTSKI, 1993, p. 129)

A compreensão dos significados nos ajuda a ter consciência sobre o sentido e o uso das palavras. Isso reflete diretamente em nossa atitude ou na atitude do educando no instante em que ele busca aprender e conviver no meio social.

A partir de seu teor simbólico, a palavra, na literatura, tem condições de humanizar, socializar, transformar gente em pedra e personificar objetos, a exemplo da porta que ganha vida na poesia de Vinicius de Moraes. Por tais aberturas, as palavras também têm capacidade de se impor na existência cotidiana e no imaginário das pessoas.

Rubem Alves (2003, p. 54) chama as palavras de “entidades mágicas” que formatam o organismo humano, esse corpo denominado pelo autor como um “lugar fantástico”. As palavras, prossegue o escritor, são “potências feiticeiras, poderes bruxos que despertam os mundos que jazem dentro dos nossos corpos, num estado de hibernação, como sonho”. E guiado pela sedução e também pela articulação das palavras, o autor arrebate: “nossos corpos são feitos de palavras”.

Os corpos de quaisquer materiais também são construídos por palavras. Ao público infantil, essa percepção sobre os objetos busca mesclar real e imagético e ser trabalhada por meio da criação e da leitura poética. No poema de Vinicius de Moraes, é a madeira que edifica a porta e que, ironicamente, a faz viver. Mas, como a madeira pode gerar vida?

Coelho (2000, p. 132) explica que realidade e imaginação equilibram-se em termos de importância sob o guarda-chuva do universo literário infantil. Ao trabalhar principalmente a linguagem simbólica, o texto poético articula uma fusão



de ritmos, relações lógicas e ilógicas, enigmas, metáforas, sensações, emoções e perspectivas. A palavra literária, define a autora, é “*agente de criação* de novas realidades ou de nova consciência-de-mundo”.

A palavra que nomeia o objeto “porta” a que o poeta se refere obtém vida e expressão pela poesia. É a literariedade que adiciona a pitada de diferença do texto poético em relação aos demais textos do dia-a-dia das pessoas. “A literatura dá forma concreta a sentimentos, dilemas, angústias e sonhos por meio de representações simbólicas, criadas pela imaginação”, especifica Saraiva (2006, p. 29).

Em “A porta”, a musicalidade também marca território e tem sua razão de ser, de atrair o leitor pela cadência da combinação e do brincar com as palavras. Além de viva, no texto de Vinicius de Moraes, a porta “fala”:

Eu abro devagarinho  
Pra passar o menininho  
Eu abro bem com cuidado  
Pra passar o namorado  
Eu abro bem prazenteira  
Pra passar a cozinheira  
Eu abro de supetão  
Pra passar o capitão. (MORAES, 1991, p. 26)

Os enunciados desse poema, como de outros textos, arrastam consigo enunciados alheios e anteriores. Ao lado da recorrência a palavras já ditas ou escritas, são, muitas vezes, adicionadas modificações. As mudanças seguem o interesse do locutor, ou seja, sua intencionalidade e expressividade. O texto de Vinicius de Moraes delinea algumas intenções, as quais são atribuídas à porta (ela é gentil com a cozinheira, por exemplo), acrescentando ainda um jogo de rimas breves: “Eu abro devagarinho / Pra passar o menininho (...) Eu abro de supetão / Pra passar o capitão.”

Ao considerar os diferentes gêneros do discurso, abrangendo também o literário, Bakhtin explica que não são formas da língua, mas de o enunciado

receber determinada expressão que é típica do gênero dado. Os gêneros abarcam pontos de contato entre os significados da palavra e a realidade. As palavras, para o autor, não têm dono, mas, ao mesmo tempo, do ponto de vista do emissor, são compartilhadas pelo outro e pelo eu. Segundo Bakthin, para o locutor, a palavra existe sob três aspectos:

[...] como *palavra neutra* da língua e que não pertence a ninguém; como *palavra do outro* pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como *palavra minha*, pois na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, como uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade. (BAKTHIN, 2000, p. 312).

Nas linhas da historicidade e do social, o filósofo russo destaca que o homem, ao longo de suas vivências, é permanentemente acompanhado de enunciados que servem de orientação, base, ou que dão o tom e inspiram atitudes, intervenções e decisões. “Toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das obras, dos enunciados, das locuções, etc.”, afirma Bakthin (2000, p. 313).

O jogo do enunciado “Eu abro devagarinho”, seguido do verso “pra passar o menininho”, articula os sentidos da intencionalidade do eu poético no texto de Vinicius de Moraes. Essa intencionalidade desperta a atenção do leitor porque descortina o interesse da porta.

Mais adiante, o poema apresenta as resistências da porta diante do mundo e de alguns enunciados que lhe agredem. Num contexto desfavorável à porta, o autor reafirma a personificação do objeto por meio de palavras que expressam, num primeiro instante, sentimentos de contrariedade e retoma a imagem poética do movimento de abrir e fechar, como mostra o trecho final:

Só não abro pra essa gente  
Que diz (a mim bem me importa...)  
Que se uma pessoa é burra  
É burra como uma porta.

Eu sou muito inteligente!

Eu fecho a frente de casa  
Fecho a frente do quartel  
Fecho tudo nesse mundo  
Só vivo aberta no céu! (MORAES, 1991, p. 26)

## CONCLUSÃO

O poema “A porta”, de Vinicius de Moraes, estudado neste artigo, é literalmente uma porta aberta para as discussões em torno do sentido das palavras tanto interiores (pensamento) como exteriores (expressas na oralidade ou na escrita), das palavras que são de todos e de ninguém ao mesmo tempo.

É um texto que pode tranquilamente ser vivenciado e mediado pelos professores em leituras e trabalhos com alunos das diferentes séries do ensino fundamental. Ele dialoga com extremos do universo humano (vida e morte) e também articula questionamentos comuns na área da linguagem, metamorfoseando palavras e significados.

À luz de Vygotsky, o poema pode ser lido articulando os pensamentos equivocados que crianças e adultos têm, muitas vezes, sobre objetos comuns, e que, sem reflexões mais profundas, acabam ganhando concretude pelas palavras. Bakhtin mostra a relação de diálogo possível de se estabelecer entre leitor e texto literário sem esquecer que os discursos se constituem também a partir dos enunciados prévios e da própria troca de experiências entre locutor e ouvinte. Para finalizar, Larrosa diz que “o homem é um vivente com palavra” (2002, 21) e sugere a vivência da leitura e da palavra em substituição ao simples ato de ler.

A vivência literária de “A porta” só terá força formativa se o texto for significado e se mover o professor e o educando também no lado subjetivo e emocional. Isso implica um processo de apropriação, visão crítica e degustação de cada verso, de cada palavra ou imagem simbólica que a poesia oferece. Do contrário, será apenas mais uma leitura, mais um poema infantil, mais algumas palavras. Do contrário, as crianças terão dificuldades de enxergar o efeito da linguagem poética que é capaz de animar os sentidos.

### **La metamorfosi del pensamento e delle parole nella lettura di “La porta”**

#### **RIASSUNTO**

Come magneti, le parole sono collegate a significati e a pensieri. Loro riflettono momenti, stili, sentimenti, atteggiamenti e modi di vita. Sono le parole, scritte, parlate o lette, che possono generare conoscenza e tornare viva una identità. Per i nomi, uomini, animali, oggetti e fenomeni sono noti. Per i nomi, le persone sono riconosciute nel pensiero, discorso o in atto di lettura. In questo articolo, intitolato La metamorfosi del pensamento e delle parole nella lettura di “La Porta”, la parola, legata al pensiero e alla lingua sarà esplorata in “La Porta”, una poesia di Vinicius de Moraes, pubblicata in L'Arca di Noè (1991, p.26). Le osservazioni sul testo si basano nella revisione della letteratura, con l'obiettivo di elaborare una proposta di lettura che conduce poesie alla classe e che ritiene questo genere come uno strumento di aiuto nella formazione dei bambini. Questo studio è correlato alla tesi “Educazione attraverso il poetico: la poesia nella formazione del bambino”, ancora in corso. Tra gli autori che si basano su questo lavoro ci sono: Vygotsky (1993), Bakhtin (2000), Larrosa (1995 e 2002), Paviani (1996), Freire (1996), Zilberman (1989) e Cosson (2006). Loro sottolineano la comprensione della intensità della parola nel processo di lettura, soprattutto nel linguaggio poetico che stimola i sensi. Le osservazioni teoriche aiutano a capire che il poema “La Porta” avrà la forza della formazione quando sarà significato

e quando trasporterà insegnanti e studenti soggettivamente. Caso contrario, sarà solo una lettura in più, una poesia per bambini in più, e più parole.

**Parole-chiave:** Parola. Pensamento. Lettura. Poesia. Formação. Bambino.

## NOTAS

<sup>1</sup> professora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGE/UCS) e no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (PPGL/UNISC). É doutora em Letras pela PUCRS

<sup>2</sup> mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGE/UCS). É jornalista e especialista em Literatura Infanto-Juvenil pela UCS.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. *A Alegria de ensinar*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2003, 108 p.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 421 p.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Peirópolis, 2000, 159 p.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006, 140 p.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 32 ed. São Paulo: Cortez, 1996, 87 p.

\_\_\_\_\_, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 148 p.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira da Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002.

LARROSA, J. Literatura, experiência e formação. Entrevista concedida a Alfredo Veiga-Neto, em julho de 1995. In: VEIGA NETO, Alfredo; COSTA, Marisa C. V. *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 164 p.

MORAES, V. *A arca de Noé*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1991, 85 p.

PAVIANI, J. *Estética mínima: notas sobre arte e literatura*. Porto alegre: EDIPUCRS, 1996, 143 p.

SARAIVA, J. A. Por que e como ler textos literários. In: SARAIVA, J. A, MÜGGE, E., et al. *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 2006, 344 p.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993, 132 p.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo, 1989, 124 p.